

## “INICIATIVA FEMININA”: Uma análise do discurso

### **Lívia Botelho Félix**

Aluna do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco  
E-mail: [liviabotelhofelix@hotmail.com](mailto:liviabotelhofelix@hotmail.com)

### **Natália Gomes dos Reis**

Aluna do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco  
E-mail: [natyreis\\_gomes@hotmail.com](mailto:natyreis_gomes@hotmail.com)

### **Raphaela D’Paula Coêlho de Araújo**

Aluna do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco  
E-mail: [raphaela\\_dpaula@yahoo.com.br](mailto:raphaela_dpaula@yahoo.com.br)

### **Marília Maria da Silva Santos**

Aluna do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco  
E-mail: [marilia\\_lua@hotmail.com](mailto:marilia_lua@hotmail.com)

### **Karla Galvão Adrião**

Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco  
E-mail: [kgalvaoadriao@hotmail.com](mailto:kgalvaoadriao@hotmail.com)

## **1. Introdução**

De acordo com Oliveira (1999), cada usuário no ciberespaço pode ser visto como um sujeito lingüístico, não mais definido por critérios ontológicos ou físicos, mas na linguagem, no contexto, na interação. Dessa forma, concebe-se o mundo digital como um espaço onde sujeito e expressões de subjetividade se estabelecem numa relação dialógica, existindo na e a partir da linguagem. Nesse contexto percebe-se o papel significativo desempenhado pelos processos midiáticos contemporâneos, dentre os quais, destaca-se o *orkut*, objeto de estudo a ser aqui analisado.

Para a realização deste trabalho, nos embasaremos na teoria de Mikhail Bakhtin, um filósofo da linguagem, cuja abordagem é considerada como “trans-lingüística”, e ultrapassa a visão da língua como sistema. Para este teórico, a língua não deve ser entendida isoladamente, de modo que qualquer análise lingüística deve incluir fatores extra-lingüísticos, tais como momento histórico, contexto de fala, a relação entre falante e ouvinte, etc.

Para Bakhtin (apud MARQUES, 2007), a linguagem é essencialmente social, existindo apenas no processo de interlocução. Nesse sentido, o discurso é socialmente ativo, ou seja, formado pela integração de outros discursos. Por isso, sob essa perspectiva, o discurso é tido como um meio de interação social, ao contrário da lingüística Saussuriana, a qual o considera como mero objeto (LIMA, 2008). Bakhtin rompe com a unicidade do sujeito falante, atribuindo ao sujeito um estatuto heterogêneo, onde este modifica seu discurso em função das intervenções dos outros discursos, sejam estas reais ou virtuais. O sujeito emerge do outro, não sendo assim, a fonte primeira do sentido. Em suma, o sujeito bakhtiniano é dialógico e seu conhecimento é fundamentado no discurso por este produzido. Assim, a partir da linguagem os indivíduos se unem interpelados por uma ideologia, seja esta a mesma ou não, de modo que, no momento da interação, esta linguagem se faz dupla, com o sentido emitido pelo locutor e aquele que pode ser produzido pelo interlocutor. Bakhtin enfatiza que um discurso é permeado por uma ideologia, subentendida dentro da mensagem. Nesse sentido, a ideologia constitui um reflexo das estruturas sociais, alterando a língua em casos de mudança ideológica (MARQUES, 2002 e 2007).

Desse modo, nos deteremos aos conceitos-chaves de dialogismo e ideologia da teoria de Bakhtin, na tentativa de compreender alguns aspectos referentes às relações dialógicas no mundo digital, especificamente no *orkut*. Para tanto, alguns esclarecimentos acerca do objeto escolhido se fazem necessários.

Criado em Janeiro de 2004, o *orkut* consiste num *site* de relacionamentos filiado ao Google, com o intuito de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Apesar do *orkut* ter sido inicialmente destinado para os norte-americanos, atualmente cerca de 51,18% dos usuários do sistema declaram-se brasileiros em seus perfis. Além disso, o *orkut* se apresenta como o site mais visitado pelos brasileiros, podendo ser considerado como um verdadeiro fenômeno cultural e social da internet.

Ombudsman (2005), em seu blog, contextualiza o internauta sobre o momento histórico do ciberespaço em que se deu a ascensão do *orkut* no Brasil, onde existia um movimento de transição da internet discada para a internet banda larga, e o Msn Messenger surgia como substituto para o mIRC. Esse último referia-se a um sistema operacional Microsoft Windows, criado em 1995, com a finalidade de ser um programa *chat*. Enquanto o uso da internet discada implicava nos encontros com amigos durante as madrugadas e fins de semana (dado o acesso grátis desses horários), a migração de alguns para a banda larga, teve como consequência o desencontro desses usuários, visto que este segundo grupo poderia acessar a internet em qualquer horário do dia. Nesse momento surge o *Orkut*. Neste as mensagens eram organizadas como um sistema de e-mail com aparência de bate-papo, e as comunidades supriam a ausência dos canais (antigas salas de bate-papo do mIRC) para os usuários do Msn *Messenger*.

A popularização do *orkut* também pode ser justificada pelas diversas funções exercidas pelo site, o qual possibilita a construção de laços afetivos, obtenção de informações sobre os mais variados temas, oportunidades de emprego e demais atividades, dentre outros.

Desde sua criação, o sistema passou por alterações em sua aparência, além de diversas melhorias de funcionamento, no que tange à criação de novas ferramentas, aplicativos e políticas de privacidade, por exemplo, oferecendo uma série de recursos aos seus usuários. Em sua estrutura, o *orkut* possui tons de azul e branco como cores padrões, além de diferentes espaços, tais como: perfil do usuário, foto principal, álbum de fotos e vídeos, depoimentos, eventos, livro de recados (*scrapbook*), rede de amigos, comunidades, jogos e demais aplicativos. Conta ainda com um grande sistema de busca de comunidades e amigos, além de ferramentas que possibilitam ao usuário visualizar o número de acessos sofridos ao seu perfil, as atualizações de perfis dos amigos, e os próximos aniversariantes da sua rede de amigos, dentre outras. Enfim, ao se explorar o *orkut* encontra-se uma série de recursos e possibilidades, e um novo mundo se abre. Contudo, no presente trabalho o foco de análise será direcionado a um dos já citados espaços dessa rede, a saber, a comunidade. Araújo (2007) aponta esta como sendo, em sua maioria, responsável pela construção identitária do usuário, posto que através do conjunto de comunidades, o mesmo se posiciona diante de variados temas.

Cada comunidade pode dispor de uma imagem representante, estando geralmente relacionada ao tema correspondente, e uma descrição explicando do que se trata. Oferece três recursos, a saber, o Fórum, no qual se concentra a maior parte do conteúdo, e onde os membros criam e discutem os assuntos propostos em cada tópico, facilitando as trocas de informação; a Enquete, a fim de colher opiniões dos membros da comunidade sobre dada questão; e o Evento, que divulga encontros e incentiva as relações sociais fora da rede. Esses recursos podem ser criados por qualquer membro da comunidade, a qual é administrada por até dez mediadores, escolhidos pelo dono da mesma. Vale salientar que qualquer usuário com uma conta pode criar uma comunidade sobre qualquer tema, e/ou participar de uma, existindo, por isso, um número muito grande de comunidades na rede.

Este trabalho possui como objetivo geral ilustrar como o sujeito se constitui numa relação dialógica no mundo digital, a partir da análise de como o discurso foi constituído em um dos tópicos da comunidade “Homens Feministas”, levando em consideração os diferentes aspectos (quem fala, para quem fala, como fala, seu efeito, etc.). Nesse sentido, busca-se comparar as

possibilidades de interação oferecidas pelo *orkut* e pelas demais mídias; discutir a natureza ideológica da enunciação, bem como a questão do *orkut* como legítimo processo de interação social.

## 2. Método

A princípio, selecionou-se a comunidade do *orkut* “Homens Feministas”, e posteriormente um de seus tópicos, denominado “Iniciativa feminina”, como corpus<sup>1</sup>. Num segundo momento, seguiu-se a análise dos dados, com base na corrente bakhtiniana de análise do discurso, na tentativa de compreender os objetivos traçados.

*Corpus:*

Tópico: Iniciativa feminina

Autor do tópico: “Rivaldo”

Número de interlocutores: 16

## 3. Análise do discurso

No método de Análise do Discurso Bakhtiniano, uma fase essencial é o estudo do contexto no qual o objeto analisado está inserido (ARAÚJO, 2007). Por isso, é importante falar um pouco sobre o contexto sócio-cultural-econômico no qual a comunidade virtual “Homens Feministas” está situada.

Em meio a uma sociedade extremamente patriarcal, onde as mulheres eram subjugadas pelo meio social (família e marido) a cuidar da casa, dos filhos e do marido; e sem direito a participação sócio-política, surgiu o Movimento Feminista que, em linhas gerais, consiste num movimento sócio-político que tem como ideologia a luta pela igualdade de direitos entre os sexos com o objetivo de garantir a participação feminina na sociedade. O feminismo também busca desnaturalizar a visão que impõe desigualdades às diferenças de gênero, visto que às mulheres foi alçado um “lugar de subordinação”, fruto de relações de poder, construídas socialmente. No centro dos objetivos do referido movimento estaria a busca de acesso a direitos que minimizassem essas desigualdades. Atualmente, o movimento feminista tem assumido posturas de reivindicar acessos a direitos em questões polêmicas como o direito ao aborto, dentro dos direitos reprodutivos, o combate à violência contra a mulher e a vivência plena da sexualidade (COSTA, 2005).

Neste sentido, a comunidade em estudo trata do tema do feminismo e se propõe a fazer discussões (abertas para membros de ambos os sexos) em relação à exploração e opressão sofridas pelas mulheres, bem como sobre a luta por condições igualitárias para ambos os sexos. Ressalta-se que o nome da comunidade em questão (Homens feministas) indica uma conquista para o movimento feminista, por parte daqueles que a criaram, visto que envolve indivíduos do sexo masculino que apóiam e lutam pelas causas das mulheres.

O tópico escolhido para análise traz como tema a iniciativa feminina nos relacionamentos. Este, com as mudanças ocasionadas pelas conquistas do movimento feminista, tem levantado várias discussões na sociedade contemporânea. Ideologias opostas tem se construído acerca do referido tema. De um lado, apoiado numa tradição social, concebe-se a naturalização da iniciativa masculina no que concerne aos relacionamentos afetivos entre um homem e uma mulher; seria algo da ordem do inato, do biológico. De outro, porém, defende-se a idéia de que tal concepção é algo sócio-culturalmente construído; os papéis desempenhados por cada sexo em uma sociedade seriam da ordem do social, da cultura, e não biologicamente determinados. Como consequência da primeira concepção, surgem os preconceitos que cercam as mulheres que se posicionam de uma forma mais ativa nas suas relações afetivas, tomando a iniciativa seja no momento da paquera ou ainda nas

<sup>1</sup> Do corpus analisado foram aqui destacadas apenas algumas passagens do mesmo, com a preocupação em mantê-las na sua forma original, incluindo possíveis erros de ortografia e características típicas da linguagem da internet. Os nomes apresentados são fictícios, para que não haja exposição dos interlocutores da comunidade.

relações sexuais. Estas são muitas vezes apontadas como vulgares, “fáceis”, sendo, por isso, desvalorizadas. O movimento feminista tem contribuído nessa discussão quando procura desnaturalizar determinados aspectos tidos como típicos de cada sexo, enfatizando, sobretudo, o lugar da cultura na consolidação destes.

No que se refere à construção do discurso aqui considerado, extraído da comunidade do Orkut denominada “Homens feministas”, observa-se que este tem seu ponto de partida com o enunciado trazido por “Rivaldo”, um de seus membros. Neste, o mesmo inicia trazendo seu interesse em saber o posicionamento dos homens da comunidade em questão a respeito do tema iniciativa feminina nos relacionamentos. Tal enunciado é constituído a partir de uma declaração explícita do objetivo citado acima, seguida de uma exposição do que se pode conceber como o ponto de origem de tal interesse, ou seja, a apresentação de idéias absorvidas de debates anteriores acerca do tema, as quais girariam em torno de certas ideologias dominantes no contexto social. Estas seriam as concepções de aspectos biológicos e inatos como determinantes do comportamento feminino, em oposição às concepções de ordem mais culturalistas, as quais concebem tal comportamento como construído sócio-culturalmente, destacando ainda os preconceitos que circundam as consideradas “mulheres de iniciativa”.

Apontadas tais idéias, o emissor traz o seu posicionamento declarando-se contra tais preconceitos, criando sua argumentação tomando como parâmetro o que ele afirma ser uma concepção da maioria das mulheres que diz que os homens mais interessantes são aqueles que sabem se aproximar “com jeito, tato, classe e inteligência”. Com base nisso, Rivaldo diz que também acredita que as mulheres que seguem este perfil são mais interessantes. Por fim, o mesmo retoma o seu objetivo inicial, agora pontuando as suas questões: “*Para voces essa passividade ou mesmo “inércia feminina” (em alguns casos), é natural e inata ou se trata de algo construído?” E, “Como os senhores veem uma mulher de atitude?”*. A partir destas questões, vê-se para quem se dirige o referido enunciado: para os “senhores”, neste caso os homens da comunidade, o que fica explicitado no início de seu discurso em “Gostaria de saber o que os **homens da comunidade**, pensam sobre a questão da iniciativa feminina no que diz respeito aos relacionamentos”.

Pode-se observar que esse comentário que dá início ao tópico parte de um homem que espera que outros iguais respondam a sua indagação, espera que estes se posicionem contra ou favor, ou simplesmente falem sua opinião a respeito da temática. Apesar de dirigir a pergunta final aos homens, não se pode afirmar que ele não esperava um comentário feminino visto que a comunidade possui uma considerável parcela de mulheres.

A teoria de Bakhtin concebe que os enunciados têm autor, revelam uma posição, têm destinatário e são necessariamente dialógicos, ou seja, são constituídos a partir de outros enunciados, e são uma réplica a outros enunciados (FIORIN, 2006). No corpus aqui considerado temos um claro exemplo de tal conceito. O enunciado apresentado acima é da autoria de Rivaldo, um dos membros da comunidade, o qual traz, através deste, seu posicionamento acerca do tema em questão. O mesmo é explicitamente constituído a partir de outros enunciados, o que se vê na inserção de discursos alheios que é abertamente citado neste, os quais, a propósito, formam um par de opostos, sendo um refutado (aspecto inato) e outro implicitamente aceito (construção cultural). E tem ainda destinatários potenciais: os homens da comunidade. Interessante destacar que o tópico contou com grande participação feminina nos comentários.

Seguindo a análise, consideramos agora o efeito que tal enunciado causou nos seus interlocutores. De acordo com Bakhtin, todo enunciado solicita uma resposta, é constituído para uma resposta (FIORIN, 2006). O discurso aqui considerado, contudo, espera explicitamente uma resposta, uma vez que é constituído em formato de pergunta. O que se constata é que a partir desta postagem, outros enunciados se sucederam, os quais podem ser classificados em pelo menos duas esferas predominantes: Os contra (mais especificamente uma participante) e os a favor da iniciativa feminina nos relacionamentos. As estratégias de argumentações, contudo, são as mais diversas para defender seus posicionamentos. Observa-se o uso freqüente de retomada de falas de outrem para embasar as próprias, refletindo aqui o caráter dialógico da enunciação proposto por Bakhtin. Foram utilizados, por exemplo, o discurso direto ou citado, como é o caso daqueles que utilizaram as aspas

ou mesmo “colaram” o discurso do outro em seus enunciados, prosseguindo daí com sua argumentação refutando ou apoiando, ou ainda o discurso indireto em que quem cita apreende a fala do outro, de forma a digeri-la e recolocá-la em seu próprio discurso decidindo o que é relevante para ser retomado, enfatizado.

Do primeiro recurso temos como exemplo a seguinte frase do criador do tópico: “*Para vocês essa passividade ou mesmo "inércia feminina" (em alguns casos), é natural e inata ou se trata de algo construído?*”, a qual é retomada por vários participantes servindo de base para construção argumentativa da resposta. Apesar de o autor trazer dois questionamentos, esse é o que mostrou ter se destacado mais na fala dos interlocutores. Talvez as palavras adotadas na construção dessa frase, mais especificamente *passividade* e *inércia feminina*, tenham instigado, causado maior impacto nos participantes do tópico, uma vez que estas têm certo tom de ironia e crítica que de certa forma já sugerem um posicionamento, no caso, a favor da atitude feminina, a qual será retomada e reafirmada por outros.

Um ponto interessante a ser analisado diz respeito ao enunciado de “Helena”, participante que quebra uma certa homogeneidade de discurso que vinha se colocando na enunciação, até sua colocação. A mesma posiciona-se contra a iniciativa feminina trazendo a seguinte argumentação:

*“Olha, sinceramente, eu acho que o Feminismo não precisa queimar sutiãs nem adotar uma **postura agressiva**. Nada... Aliás, adoro espartilhos, ligas e meias de seda. E gosto de ser paquerada, mimada, conquistada, seduzida, paparicada, e tudo o mais que tenho direito. Entendo que o homem feminista reconhece o valor de uma Mulher e aceita percorrer um caminho para merecê-la. Meu feminismo é assim! Não abro mão da minha **fragilidade**. E quero ser tratada como uma **Rainha**. Em todos os sentidos.”*

A partir desta fala, a dinâmica da enunciação será modificada. Se até então, o discurso se constituía no sentido de responder aos questionamentos do autor do tópico, ainda que se retomando por muitas vezes a fala uns dos outros para isso, agora a fala principal a ser retomada é a de Helena, na sua maioria sob a forma de ironia e crítica. Nesse processo, as palavras que se retomam, demonstrando o maior destaque a elas conferidas, são as grifadas acima. Procurar-se-á invalidar seu enunciado com contra-argumentações que visam questionar o que foi declarado pela interlocutora.

No que diz respeito aos enunciados analisados, percebeu-se o uso predominante de uma linguagem informal, visto que os autores das postagens utilizaram verbos na primeira pessoa, abreviações de palavras, bem como recursos gráficos para expressar-se, remetendo ao chamado “internetês”. Um exemplo disto pode ser observado na seguinte fala de “Carmem”: “falou tudo! =**D** eu nunca cheguei em um cara, mas acho q **eh** mais por vergonha e orgulho do **q** por qualquer outra coisa... nao vejo problema **NENHUM** uma mulher chegar num cara!”.

Destaca-se nesse caso o uso de recursos gráficos para expressar satisfação com o comentário anterior, através de um sinal de igualdade juntamente com a letra “D” maiúscula, simbolizando um rosto sorrindo. Esse tipo de simbolização é muito comum no mundo da internet, assim como as abreviações de algumas palavras, e modificação estrutural de outras, como por exemplo, a permuta do “é” pelo “eh”. Também se utiliza de exclamações e uma palavra em maiúsculo para enfatizar o que se diz. Apenas um dos participantes não se utilizou destes recursos, a saber, Rivaldo, criador do tópico, o qual faz uso da linguagem formal. Apesar da falta de acentuação em algumas palavras, o mesmo não demonstra apropriar-se do referido internetês. Todos esses recursos utilizados por Carmem e outros participantes, principalmente o uso dos verbos em primeira pessoa, de acordo com Araújo (2007), indicam um caráter de personalidade típico do *orkut*, os quais possibilitam às pessoas se colocarem, se implicarem em suas opiniões, o que difere das mídias “tradicionais”, em que o discurso é constituído em terceira pessoa.

Segundo a autora supracitada, a prática discursiva do *orkut* enquadra-se na formação discursiva midiática. Estas possuem a “capacidade de circulação por todo tipo de discurso e de

infiltração nas restantes práticas discursivas” (BARBERO, 2006 apud ARAÚJO, 2007:4), bem como, utiliza-se dos verbos em terceira pessoa, encobrindo o processo de enunciação, impondo sua fala, deixando o sujeito sem espaço para contestações. Contudo, a mesma autora destaca que a internet possui características particulares, subvertendo a tradicional relação entre emissores e receptores.

Citando o pensamento de Norman Fairclough a respeito do discurso da mídia, Castro (1999), afirma que este caracteriza-se por sua unidirecionalidade, pois prevalece uma divisão rígida entre os “produtores” e os “consumidores” do discurso, ao contrário das relações face a face, em que há espaço para a alternância de papéis entre os mesmos. Filho (2001) contrapõe-se a essa concepção, considerando a bidirecionalidade dessa relação. Segundo esse autor, entre a mídia e o público, se estabelece uma relação transmissor – receptor, na qual o transmissor envia sua mensagem para o receptor e este responde a esta mensagem, não se tratando de uma relação unilateral, onde apenas o transmissor envia a sua mensagem, e sim de uma relação de troca entre esses dois elementos, onde cada um envia e também recebe mensagens, numa relação de *feedback*. Entretanto, pode-se considerar que esta relação será desproporcional, uma vez que a mídia exercerá uma influência maior sobre os receptores. Assim, apesar de discordarem em seus pontos de vista teóricos, ambos admitem, implícita ou explicitamente, a influência da questão das relações de poder na constituição dos discursos midiáticos. Em outras palavras, a mídia, de forma geral, é perpassada pelo discurso daqueles que detêm o poder na sociedade, impondo-o aos demais. No caso do *orkut*, especificamente, esta relação de poder é subvertida, pois possibilita uma suposta dinâmica de igualdade entre seus interlocutores, se constituindo como um meio mais democrático, no qual o poder é melhor distribuído, possibilitando, desse modo, uma expressão singular da subjetividade. Oliveira (1999) traz essas concepções quando caracteriza a internet no seguinte trecho:

(...)sua estrutura multilinear, digital e interativa traz, em si mesma, um potencial de subversão da lógica empobrecida da mídia. Traz mudanças significativas à narrativa, aos papéis do autor e do leitor, à lógica da organização, manipulação e distribuição da informação

Outro aspecto a ser considerado nessa discussão refere-se ao caráter ideológico da enunciação. De acordo com a teoria bakhtiniana, os enunciados construídos pelos sujeitos são constitutivamente ideológicos, de modo que não podem ser concebidos como uma expressão de uma consciência individual, desligados da realidade social, mas sim como constituídos pela incorporação de vozes sociais que circulam numa dada sociedade (FIORIN, 2006). Considera-se, portanto, a natureza social da enunciação, o seu caráter ideológico. Nessa concepção, a língua é determinada pela ideologia, não podendo existir fora de um contexto social, uma vez que todo falante está inserido numa determinada realidade social (WEEDWOOD, 2004).

Desse modo, a partir desta perspectiva, em termos de análise, as falas aqui consideradas não constituem expressões individuais, deslocadas de um contexto sócio-econômico. Pelo contrário, são produtos de inter-relações sociais, os quais são perpassados por ideologias em circulação na sociedade no qual o grupo em questão está inserido.

O conteúdo desta enunciação, a saber, o debate acerca do tema iniciativa feminina nos relacionamentos, reflete uma realidade social específica; reflete as vozes que nesta se fazem presentes, as quais revelam um confronto entre valores contraditórios. Para Bakhtin, o produto ideológico tem a contradição como seu elemento constitutivo (MARQUES, 2007). Tal fato é percebido no discurso aqui considerado, onde é possível constatar uma interação social que se constrói em enunciados que se contradizem, trazendo em si as ideologias de valores contraditórios que circulam na sociedade. Como exemplo, pode-se destacar o já citado comentário proferido por Helena, bem como o trazido por Pedro (“*Desculpem-me as frágeis. Mas atitude e independencia são essenciais*”)

No primeiro enunciado, vê-se como se revela predominantemente uma ideologia circulante na sociedade, a qual concebe que mulheres devem adotar uma postura mais frágil, ao passo que atitudes tidas como agressivas caberiam aos homens. Observa-se neste enunciado a concepção da

enunciadora sobre o tema debatido, a qual expõe que uma atitude de iniciativa da parte feminina seria algo agressivo, não conveniente para as mulheres as quais devem se comportar de maneira mais passiva, na espera de ser conquistada e “tratada como rainha”. Nisso, vê-se a presença no referido discurso de uma ideologia que segue uma tradição cultural que concebe um comportamento padrão para o ser feminino, o qual estaria ligado à imagem da mulher como um sujeito sensível e frágil.

Já no segundo enunciado citado, percebe-se a presença de uma outra ideologia circulante na sociedade contemporânea. Esta se refere à concepção de que as mulheres de atitude, em oposição direta a mulher “tradicional”, seria uma mulher forte e independente. Sendo esta fala uma resposta à fala de Helena, observa-se que em nenhum momento esta faz menção à palavra “dependente” para que o novo interlocutor traga como resposta a palavra “independente”. Nisso se percebe a associação que este faz entre as palavras atitude e independente, apontadas como qualidade “essenciais” de uma mulher. Aqui se vê uma outra concepção do ser feminino a qual rompe imediatamente com a feminilidade “tradicional”, trazendo novas possibilidades de ação feminina. Neste exemplo, observa-se a existência de pelo menos duas ideologias opostas em circulação na sociedade as quais acabam por compor os referidos discursos, ilustrando assim que um enunciado não está dissociado da realidade social na qual se constitui, nem tampouco reflete uma consciência individual. Ao contrário, todo enunciado tem um caráter ideológico.

Esse discurso se constitui, portanto, dentro de um determinado contexto sócio-histórico-cultural, e reflete as ideologias que o permeia. Talvez em outro contexto, em outro momento histórico, não fosse possível a construção de tais enunciados, pois a ideologia é reflexo das estruturas sociais, e toda modificação de ideologias acarreta uma modificação da língua. (WEEDWOOD, 2004)

Outro ponto a se considerar nesta análise refere-se ao elemento interação social possibilitada pelo recurso midiático em questão. Apesar do *orkut* não constituir um meio no qual as relações se dão face-a-face, é possível uma interação entre os usuários em tempo real. Todavia, houve um período de aproximadamente dois meses entre a criação do tópico analisado e a primeira resposta dada. Tal fato deve-se à lógica de funcionamento do *site*, onde a interação pode se dá em tempo real, como já mencionado, ou *a posteriori*, como nesse caso analisado.

Desse modo, considerando o *orkut* como uma rede através da qual as pessoas se inter-relacionam, pode-se compreendê-lo como um legítimo meio de interação social, o qual revoluciona o processo de comunicação, posto que a ação é exercida mutuamente entre duas ou mais pessoas, de modo que o emissor é receptor e o receptor é emissor (ARAUJO, 2007). Weedwood (2004) aponta a visão de Bakhtin sobre a função social da linguagem, segundo o qual, “só existe língua onde houver possibilidade de interação social”.

Para Bakhtin o sujeito não é submisso às estruturas sociais, tampouco subjetivamente autônomo em relação a estas. Assim, a subjetividade é constituída através do conjunto das inter-relações sociais das quais o sujeito participa. A idéia central é que o sujeito age e se constitui em relação ao outro, sendo desse modo o dialogismo o princípio de constituição do sujeito. Este se estrutura a partir do contexto social no qual está imerso e na interação social, possuindo assim, expressões de subjetividade ao mesmo tempo, social (coletiva) e singular (FIORIN, 2006).

#### 4. Considerações finais

A partir deste trabalho, podemos constatar que de fato o *Orkut* representa um exemplo de lócus de constituição do sujeito, através de expressões de subjetividades, a partir de uma relação dialógica, a qual se estabelece na e pela linguagem.

“O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas”. (FIORIN, 2006:55).

Desse modo, ressalta-se a concepção de que os processos de subjetivação são, ao mesmo tempo, social e coletivo, visto que se constituem nas complexas redes de inter-relações sociais e ainda, a partir das ideologias, das vozes circundantes na sociedade. No caso do *Orkut*, enquanto meio legítimo de interação social, tem-se que neste, mais especificamente nas comunidades, encontra-se um recurso que possibilita um tipo diferenciado de interação, a qual foge da “tradicional” relação face-a-face. Destaca-se que apesar do nosso foco não ter se dado sobre os interlocutores do tópico, mas, sobretudo, em relação ao discurso produzido na interação entre estes, nenhum deles pareceu referir-se a um *fake*, ou seja, perfis falsos criados com objetivos terceiros, tais como difundir conteúdo ilegal, passar-se por outra pessoa (conhecido pessoal ou alguém famoso, por exemplo), debater nas comunidades anonimamente, dentre outros. Contudo, a presença destes é comum no espaço do *orkut*, prejudicando talvez a qualidade da interação ofertada por esse processo midiático.

## 5. Referências

ARAÚJO, Nicole. Comunidades virtuais: **Análise do discurso construído no Orkut**. In: Revista Digital de Análise de Discurso do Curso de Estudos de Mídia - ano I - número 1 – julho/2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/portalmidia/polifonia/comunidadesvirtuaisnicoleoliveira.pdf>> Acessado em 20 de Novembro de 2008.

CASTRO, Rodrigo Jungmann de. **Comentário sobre as relações entre discurso, poder e ideologia em *Language and Power*, de Norman Fairclough**. Resumo de tese de mestrado. Recife, novembro de 1999.

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. In: Labrys, Estudos Feministas, 2005. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>> Acessado em 28 de Novembro de 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. Editora Ática - São Paulo, 2006.

FILHO, Ciro Marcondes. **Quem manipula quem? Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

LIMA, Adalberto. Estruturalismo, segundo Saussure. In: **Recanto das Letras** – 08 de Fevereiro de 2008. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/850866>> Acessado em 03 de Dezembro de 2008

MARQUES, M. C. R. C. **Bakhtin e a Análise do Discurso - Heterogeneidade do Discurso e Recuperação da Memória Social no Conto “Terça-Feira Gorda” de Caio Fernando Abreu**.- Encontro Regional da ABRALIC 2007: *Literaturas, Artes, Saberes*, 2007. USP – São Paulo. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/54/907.pdf>>. Acessado em 28 de Novembro de 2008

MARQUES, M.C.S. Bakhtin: apontamentos temáticos. In: **Primeira Versão** -Ano I, nº161 Porto Velho, Junho de 2002. Disponível em:<<http://www.primeiraversao.unir.br/artigo161.html>> Acessado em 28 de novembro de 2008

OLIVEIRA, I. L. Sujeito e subjetividade definidos pela linguagem. In: **Hipertexto o universo em expansão**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade de Brasília (UNB), 1999.

Disponível em: <<http://www.unb.br/fac/ncint/site/parte52.htm>> Acessado em 15 de novembro de 2008.

OMBUDSMAN. **História do Orkut (análise) - história.** In: Os Humanos do Orkut - 2005. Disponível em: <[http://oshumanosdoorkut.blogspot.com/2005/10/histria-do-orkut-anlise-hi\\_112955993249034910.html](http://oshumanosdoorkut.blogspot.com/2005/10/histria-do-orkut-anlise-hi_112955993249034910.html)> Acessado em 28 de Novembro de 2008

WEEDWOOD, Barbara; BAGNO, Marcos. **História concisa da lingüística.** 3.ed. São Paulo: Parábola, 2004. 165 p.